

CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM

Mateus de Souza Duarte, Kilsimara Nascimento Ribeiro, Raimunda Nonata Yohsii Santarém de Souza, Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo

Universidade do Estado do Amazonas-UEA, mateus_duarte22@hotmail.com, eriknagai@gmail.com

Docente da Universidade do Estado do Amazonas-UEA

RESUMO

O presente trabalho tem como foco investigativo a criança em sua prática cotidiana na percepção dos adultos com os quais convivem ou seja, o que os adultos pensam sobre esse grupo geracional, sobre a infância, a cultura infantil e as relações de alteridade e autoridade com os adultos. Com o objetivo de conhecer o que os adultos (pais e/ou responsáveis) que convivem com as crianças pensam a respeito do que é ser criança na contemporaneidade é que estruturamos esta pesquisa. A pesquisa se desenvolveu em uma dimensão qualitativa, o qual exigiu uma aproximação contínua com os sujeitos para a aplicação das técnicas e instrumentos de coletas de dados. Assim por meio de entrevistas e anotações em caderno de campo tomamos os discursos dos sujeitos, mas seus gestos e atitudes afim de traçar resultados que permitissem apresentar as percepções que os adultos constroem acerca da criança e da infância. Nossas análises e interpretações nos conduzem à reflexão de que a criança é percebida (dizer o resultado alcançado), pelo adulto na contemporaneidade, esta que oferece tecnologias que levam as facilidades e competitividade neste mundo globalizado, mediante a inúmeras transformações.

Palavras – Chaves: Criança; Adulto; Cultura e Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Hoje a sociedade vive um novo tempo, um tempo diferente e longínquo dos séculos antecedentes a este, os aspectos culturais, os costumes, o comportamento das pessoas na sociedade e em família são diferentes em quase tudo. As famílias contemporâneas vivem um momento histórico diferente de outrora, a sociedade muda, assim também, as relações sociais. A vida cotidiana de trabalho e compromissos comuns na sociedade industrial capitalista das cidades “rouba” dos pais, muitas das vezes, o tempo com seus filhos os deixando sós em muitas vezes. A ausência dessa figura deixa lacunas que muitas vezes deixam as crianças a mercê do mudo e suas “facilidades”: a internet, as drogas, a violência são constantes em nossa sociedade.

Vivemos numa sociedade que vem se consolidado sob o signo da contemporaneidade. Para uns “moderna” ou “modernidade”. Estes são conceitos que estão presentes em nosso cotidiano, mas o que estes termos carregam? Como eles se traduzem nos modos de ser criança e de viver a infância

nete tempo-lugar? Como a sociedade adulta tem percebido a criança e como tem se empenhado em situá-la nestes tempos de incertezas e de transformações sem precedentes?

Os fundadores clássicos da sociologia como Marx, Durkheim e Weber apontaram algumas das faces das mudanças ocorridas na sociedade, entre elas, as dissidências, a degradação do trabalho industrial, o uso arbitrários das relações de poder, etc. Para eles, o ideal de modernidade deveria ser usar a história para fazer história. No entanto o que tem se desenhado é uma sociedade que tende esquecer-se de seu passado, esquecendo-se de seu passado, esquece de sua história. A pressa pelo futuro muitas vezes coloca as crianças na condição de espectadoras de seu tempo, ao mesmo tempo em que tanto se fala dela, se pensam artefatos *para* elas novas tecnologias que são lançadas cotidianamente para seu deleite e entretenimento.

Ao longo do trabalho discutimos o modo como tem percebido a criança nesta sociedade, como ela está inserida neste tempo- espaço e comovem sendo proporcionada as condições para que ela possa viver sua infância. Tomamos como referência para pensar a criança, o olhar do adulto e assim compreender de que modo estas percepções afetam seu modo de viver, de brincar e de fazer parte mundo preparado *para* ela. Essa decisão não pode ser entendida de modo algum como forma de silenciar (mais uma vez) as crianças, mas de buscar compreender as mudanças ocorridas no decorrer das transformações sociais, assim como a valorização do ser criança e do ter infância nesta sociedade. Trazer à luz o olhar o adulto, seus discursos nos conduziu ao entendimento.

CRIANÇAS DO NOSSO TEMPO: MUDANÇAS SOCIAIS, NOVAS PERSPECTIVAS GERACIONAIS

Partimos do contexto nosso tempo que diz respeito ao tempo contemporâneo ao longo dessa trajetória grandes descobertas vem fazendo parte da sociedade, os avanços das tecnologias nos fazem ficar refém de suas facilidades, a competitividade para ingressar no mercado de trabalho estar impregnada cotidianamente nas metas a serem alcançadas pelo homem. A partir disso pergunta-se: E as crianças do nosso tempo onde se encontram diante desse contexto?

Os fundadores clássicos da sociologia como Marx, Durkheim e Weber apresentaram cada um a seu modo, algumas das faces das mudanças ocorridas na sociedade, ou seja, da modernidade. Entre elas, as dissidências, a degradação do trabalho industrial, o uso arbitrários das relações de poder etc. Para eles, o ideal de modernidade deveria ser "usar a história para fazer história" esta seria a chave (GIDDENS, 1991). No entanto o que tem se desenhado é uma sociedade que tende esquecer-se de seu passado, esquecendo-se da criança e por assim compreender, procura sempre nela, encontrar o homem, pois anseia pelo futuro.

Sabemos que hoje ela ganhou visibilidade na sociedade, de modo geral, as famílias as recebem em seu meio sem rejeitá-las, podemos dizer que as crianças hoje, vivem um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que las passaram a ser pauta constante na mídia e alvo prioritário das políticas públicas, vemos a violência e a barbárie que assola sua passagem pela sociedade. Na Idade Média eram vistas apenas como um “estorvo” não eram valorizadas ao nascerem, mas ao completarem uma certa idade (se estivessem vivas) iam para o trabalho nos campos para ajudar no sustento da casa, sendo considerado adultos em miniatura onde a diferença entre o adulto e a criança seria apenas no tamanho, com isso não havia um sentimento particularizado a ela. Como afirma Ariès (2011) não existia sentimento de infância, o que não significa dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas.

Foi a partir do século XVIII e XIX que a criança entrou definitivamente para o núcleo familiar e atualmente no século XXI elas têm direitos que as amparam e resguardam seus direitos, vista como um ser que precisa de cuidado e carinho. Produtos são voltados para suas idades como vestuário, calçados, brinquedos e outros que chamam atenção da criança. Por outro lado assim como na Idade Média, segundo Kramer (1998) as crianças e adultos já não se misturam constituem sua historia separadamente. Escolas são destinadas a esses pequenos que estão em desenvolvimento corporal e intelectual, rege a lei que nenhuma fique fora dessa instituição. Kramer (1998) enfatizam que:

Uma das conseqüências mais radicais do sentimento moderno de infância foi, portanto o afastamento do adulto da criança. A educação das crianças que acontecia diretamente ligada a vida nas reuniões de trabalho e lazer, foi substituída pela aprendizagem escolar.

No entanto falar da criança é também se referir as classes sociais, o rico e o pobre dispõem de recurso e meios completamente diferentes em um país com tanta desigualdade, onde poucos têm muitos e muitos têm poucos. As crianças abastadas mesmo tendo todas as condições econômicas para viver a infância veem-se sobrecarregadas de responsabilidades desde cedo como estudar, fazer cursos, esporte e etc. Não têm tempo de viver sua infância, como brincar, recriar, fazer de conta, etc. Há uma preocupação desmedida com o futuro, com o mercado de trabalho, com a competição que vão enfrentar para manterem seus padrões econômicos. Às crianças das classes populares recaem também responsabilidades que embora se diferencie das de outras crianças não deixa de pesar a pressa e a ocupação preparatória para o futuro, assim também veem o tempo para vivenciar sua infância dissipado. Criança pequena com a agenda lotada. A televisão que se transforma em babá. Os pais ausentes. Carinho transformado em objeto. O *tamagoshie* a afetividade objetificada.

Erotização da infância. Sexualidade. Publicidade. Cultura do consumo. Criança sozinha. Criança que manda nos pais. Esses são apenas alguns dos fragmentos que compõem o contexto da infância contemporânea como discute Kramer (1998. p. 37)

Portanto, crianças do nosso tempo, sejam elas das classes abastadas ou das classes populares, embora tenham condições de vida diferentes estão deixando de viver sua infância. As novas perspectivas no seu contexto é a preocupação com o futuro, a criança numa perspectiva futurística e a preocupação do adulto recai em termos de preparação. Isso se reflete na forma como a sociedade se organiza para recebe-la, nas políticas públicas destinadas a ela, do não-lugar que empurra a infância para frente e que não se preocupa em incentivar pais a investir cada vez menos na relação entre pais e filhos, entre adultos e crianças não há dialogo.

CRIANÇA E SUAS CULTURAS

A criança a partir de seu nascimento já faz parte de um grupo social, esse grupo é regido por uma cultura que o caracteriza, dessa forma, a criança começa desde muito cedo a assumir um papel nessa “teia cultural” que é a sociedade. É através dessas informações culturais, (re) passada por seu grupo relacional, que a criança vai sendo construída e sua identidade vai sendo formada a partir dos sentimentos de pertencimento Geertz (1978).

Em um mundo onde os avanços tecnológicos juntamente com a mídia se fazem presentes, ajudando nos processos de socialização, modificando as relações sociais, o modo de viver e as formas de receber informações. Por outro lado, controlam a ação do homem, suas histórias passam a ser vistas como obsoletas, dado a velocidade com que as mudanças acontecem. Com estas mudanças adultos e crianças se distanciam cada vez mais uns dos outros, os mais velhos já não são vistos como referências para jovens que veem-se perdidos num emaranhado de informações.

Porém, mais do que transmitir ensinamentos é necessário proporcionar às crianças meios para que elas possam participar dessas manifestações culturais, valorizando e de certa forma perpetuando a cultura de seu povo. Para isto é necessário, prover oportunidades de acesso aos bens culturais de seu grupo, seja visitando museus, participando de festividades, eventos religiosos entre outros acontecimentos ou folclore de seu povo. Lopez e Vasconcellos (2006, p. 110-111) comentam que:

Não podemos falar da existência de uma única cultura própria das crianças, mas sim de culturas infantis, caracterizando desse modo a pluralidade que lhes é inerente. Essa pluralidade se estabelece no entrelaçamento da produção da infância e da produção do lugar. Toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar. Ou seja, existe na produção das culturas infantis uma ancoragem territorial

que não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio substrato material a produção da existência. Esse processo faz emergir junto à idéia de culturas infantis a existência de territorialidades infantis que são a base da produção dessa cultura. As crianças, ao compartilharem essa realidade com as demais, irão estabelecer uma relação horizontal de identidade entre elas e criar uma relação vertical de identificação com os adultos, constituindo concepções reais que possibilitam a vivência da sua infância não como se quer, mas como se pode dentro da lógica de organização social do grupo.

A criança faz parte da sociedade onde vive e, portanto é merecedora de participar dela como membro ativo, deixando de ser apenas passivo e ouvinte, na medida que a mesma é sim um ser histórico e cognoscente, que pensa e constrói.

A escola, no entanto tem sido o principal meio de acesso aos conhecimentos culturais acumulados pela humanidade, portanto ela tem papel importante no processo de democratização da cultura para todos. Nesta perspectiva, seu papel é de dar oportunidades às crianças de conhecerem outras culturas além da suas, sem abdicar da sua. É nesse universo cultural mediado pela escola, mas principalmente pelos grupos sociais com quais convive que a criança se constitui sujeito de cultura, reconhecê-la como participante ativo desse processo de construção cultural, ajuda-nos a compreendê-la em suas particularidades.

O mundo globalizado proporcionou às crianças um visão ampla e diversificada, universal e cultural no que se diz respeito às formas e maneiras de brincar. As brincadeiras são formas de divertimento que estão constantemente presente e tem grande importância na vida das crianças, proporcionando a interação e o relacionamento com outras crianças, podendo obedecer ou não ordens a qual são impostas em determinadas brincadeiras.

Por meio da brincadeira as crianças criam autonomias e constroem suas identidades, estabelecem vínculos de afetividade, com capacidade de criar e transformar as brincadeiras lúdicas para sua melhor diversão. Segundo Gilles (apud BROUGERE, 2010, p. 83), “[...] a brincadeira aparece por meio de escapar da vida limitada da criança, de se projetar num universo alternativo excitante, onde a iniciativa é possível, onde a ação escapa das obrigações do cotidiano”. É por meio das brincadeiras que as crianças se sentem livres de “regras” impostas pelos adultos, tendo liberdade de criar a sua própria maneira de brincar.

CRIANÇAS E ADULTOS: RELAÇÕES AMBÍGUAS E CONTROVERSAS

A relação de crianças e adulto do mundo contemporâneo, onde adulto e criança compartilham as mesmas coisas, principalmente nas grandes cidades, numa época de grandes descobertas é regida pelo “corre-corre” do dia a dia, pelo “vai e vem” do trabalho, pelo “stress”,

enfim, uma série de fatores que levam a distanciar a criança do adulto. Segundo Kabat-Zinn (1998, p. 32):

Vivemos numa cultura que não valoriza muito a arte de educar os filhos como trabalho válido e honrado. Considera-se perfeitamente aceitável as pessoas dedicarem-se integralmente as suas carreiras ou as suas “relações”, ou “se encontrarem”, mas dedicarem-se aos seus filhos não.

É possível perceber que criança e adulto não interagem mais como antes numa relação familiar, porque ora os pais estão trabalhando, sempre ocupados, ora os filhos estudando, com agenda sempre lotada ficando assim cada vez mais distantes de seus pais. Gerando então crianças individualistas, solitárias, que mandam em seus pais, que por sua vez tentam compensar sua ausência para com seus filhos dando-lhe presentes caros e sofisticados, uma vez que a criança contemporânea em meio a tanta tecnologia está à frente de seu tempo. Isso mostra que viver e conviver são coisas diferentes, os pais já não levam mais seus filhos para brincarem, passear, se divertir, como antes faziam os filhos sempre entretidos com a televisão, o computador, o videogame, o celular e já não fazem questão de seus pais.

Tal comportamento pode ser visto de forma inversa, quando se trata de crianças e adultos das pequenas cidades e zonas rurais, onde a relações entre eles ainda pode ser vista como um modelo de família que brinca, sai para passear, que conta historinhas respeitando o tempo e espaço da criança. Segundo Kabat-Zinn (1998, p.33) “inúmeros pais pelo país a fora veem a sua função como uma missão sagrada, e encontram maneiras calorosas e criativas de orientar seus filhos e cuidar deles, muitas vezes enfrentando grandes obstáculos e dificuldades [...]”. Isso se dá pelo fato de que nas pequenas cidades e zonas rurais as famílias ainda vivem de modo tradicional onde a religião é bastante forte e que os pais ainda estão muito presente na educação de seus filhos. Já nos grandes centros a educação das crianças cabe a terceiros (babás, empregados e etc.) pelo fato de os pais estarem sempre ocupados com seus compromissos diários, tendo pouco tempo para com seus filhos.

Sabemos que a busca de conhecimento nos instiga a descoberta do novo, e a pesquisa nos aproxima dessa busca, pois nos coloca frente ao desafio dessa construção. Para iniciarmos esse processo de construção e fundamental nos aproximarmos dos sujeitos e do contexto investigado, a fim de, nos apropriarmos dos conhecimentos por eles elaborados.

Nessa busca e apropriação optamos pela pesquisa de cunho qualitativo, pois segundo Chizzotti (2012 p.79) [...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real

e o sujeito e que o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, procuramos tomar depoimentos de adultos que tem relação de convívio com crianças, escolhemos os pais que passeavam em uma praça movimentada da cidade com as crianças como informante. Esta escolha se deu mais em função do convívio com as crianças e menos pelo grau de parentesco, também por exercerem certa autoridade sobre as crianças. Tomamos os depoimentos de 02 pais de diferentes classes sociais para que pudéssemos compor uma visão socioeconômica geral dos participantes da pesquisa. De posse dessas informações foi possível situar nossas análises, compreendendo o contexto das famílias e sua realidade social, assim como destacar os posicionamentos que embasam a percepção destes adultos sobre quem é a criança com a qual convive.

De acordo com nossos estudos, as 02 famílias são compostas de quatro ou mais integrantes, sendo que na primeira família 02 adultos e 02 crianças, enquanto que a segunda família é composta por 02 adultos, 02 adolescentes e 01 criança. Sendo que esses pais são os provedores da renda familiar, que necessitam trabalhar no mínimo 06 a 08 horas diárias para obter o sustento dos seus agregados.

Desse modo, realizamos a pesquisa que permitiu uma aproximação para averiguação no contexto social e histórico dos sujeitos. Procurando nas atitudes e nos gestos respostas sobre suas percepções, algo que muitas vezes os depoimentos por si não são capazes de fornecer. A partir do visto e ouvido procedemos com a análise interpretativa das entrevistas realizadas, como já ressaltamos os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram os pais de crianças, porém não deixamos de considerar a criança dentro destes contextos, afinal a dimensão deste estudo é conhecer o que se sabe e pensa sobre ela, afim de, trazer à luz o modo como elas vivem e com base em que premissas estas visões estão interferindo e estruturando a sociedade contemporânea “feita” para elas.

ANALISE DOS RESULTADOS

A pesquisa foi realizada na Praça dos Bois, no centro da cidade de Parintins na qual foram selecionados, entre as pessoas que circulavam na praça, 02 (dois) pais que se disponibilizaram a participar da pesquisa. O adulto (A) tendo formação em Odontologia e atuando a mais de 40 anos como Cirurgião Dentista. Segundo suas informações ele dedica-se 06 horas diárias ao seu trabalho e tem ajuda financeira de sua esposa que é funcionária pública do Estado que é professora.

Perguntamos o que fazia na praça e ele afirmou que estava acompanhando os seus filhos (netos) na escolinha de futebol. Ou seja, embora seja o avô das crianças os tinha como seus filhos, algo muito comum nas formações familiares e que nos chamou atenção. Sabemos que atualmente “[...] a família nuclear típica da cultura burguesa não é, hoje, a única referência existente”. (OLIVEIRA, 2002. p.176)

Diante desse novo modelo de família, devemos considerar que não há uma única referência que possamos definir um modelo padrão de família para a sociedade, assim não devemos desprezar as diversas formas de arranjo familiar que está em vigor, porque antes a imagem da família perfeita era vista como o pai sendo o provedor dos recursos necessário a sobrevivência e a mãe era responsável pela harmonia do lar. Assim percebemos que a sociedade tem passado por profundas mudanças, nas últimas décadas, mudanças essas que tem afetado de forma fundamental a estrutura e o equilíbrio das famílias.

Na segunda abordagem o Adulto (B), é funcionária pública, trabalha há 08 anos na função de Serviços Gerais com a carga horária de 08 horas por dia. A entrevistada estava no seu momento de lazer com os filhos lanchando e conversando na praça. E assim a interpelamos e iniciamos nossa pesquisa com perguntas pré-formuladas direcionadas às formas como os olhares do adulto se estabelece sobre a criança no mundo contemporâneo. Diante disso foi feito o seguinte questionamento. Como você descreve a criança dos dias de hoje? E obtivemos como resposta:

Adulto A	Adulto B
Bastante desenvolvidas, interessadas em assuntos que não são nem da área dela, que são muitas avançadas com tantas tecnologias a sua volta	Bem elas são muito avançadas para idade delas. Na minha opinião as crianças são curiosas demais.

Fonte: pesquisadores

É perceptível na fala dos entrevistados que a criança nos dias atuais, têm a tecnologia presente em suas vidas, tendo acesso a informações que ajudam a ter conhecimento e curiosidade de buscar informações em lugares que muitas das vezes estão longe do seu convívio. E é relevante falar que a globalização influencia na educação das crianças, não que isso seja visto como algo negativo por parte dos adultos, porém podemos perceberem suas falas, que há uma certa preocupação em relação com os avanços tecnológicos e o acesso indiscriminado às informações que antes eram veladas à elas.

Decorre disso a complexa forma de lidar com essa ferramenta, ela é realmente útil ou no fim das contas acaba virando mais uma arma na mão das crianças? Muitos pais não têm clareza quanto

ao fato de que o computador permite desde cedo o acesso a manifestações da linguagem, e é uma ferramenta que ajuda a ampliação dos saberes e que a tecnologia faz parte da cultura contemporânea e a escola é responsável por fazer com que a criança tenha acesso a ela desde cedo. Dando prosseguimento foi feita a seguinte pergunta: **O que você considera que é necessário para o crescimento pessoal e social das crianças?**

Adulto A	Adulto B
Com certeza a educação, tendo a educação os outros fatores são interligados, como saúde, lazer entre outros.	A educação é base de tudo.

Fonte: pesquisadores

Na visão dos adultos a educação é único meio de ascensão social, sem ela nenhum indivíduo, consegue alcançar seus objetivos, discurso esse advindo de nossos pais de que sem educação não se chega a lugar nenhum de uma certa forma tem um pensamento um tanto romantizado mas, que segundo Aranha, (1989). “A educação é, portanto, fundamental para a humanização e socialização do homem. [...] um processo que dura a vida inteira”. Podemos perceber que educação está dentro de um contexto histórico que passa de geração a geração e se mantém viva e todas com as perspectivas voltadas para uma mudança social. A educação, não apenas a escolar, abre portas e possibilita que o homem tenha uma formação que o capacite para conhecer todos os tipos de espaços num processo contínuo da vida do ser humano.

Por conseguinte perguntamos: **Como foi sua infância e quais as principais diferenças que você percebe nesta nova geração?**

Adulto A	Adulto B
A diferença é muito grande, sou filho de pais pobre, mais de muito trabalho, sempre trabalhei muito cedo para ajudar meus pais e não me envergonho disso, e eles sempre fizeram de tudo para que eu tivesse estudo, então me formei. E antigamente tinha bebida e cigarro, mas não tinha as drogas, internet, não que internet não seja boa, mas deve ser usado para algo bom. E isso não ocorre nos dias atuais.	Eu não era muito danada, e uma grande diferença, na minha época não existia muita tecnologia.

Fonte: pesquisadores

Considerando as respostas acima, percebemos as grandes mudanças nas gerações que outrora não tinham acesso a certos benefícios tecnológicos, os pais fazem uma diferenciação de

seus valores adquiridos com suas experiências vividas, comparando com o tempo presente, não subestimando a tecnologia, pois é importante no mundo globalizado em que vivemos hoje obtê-la, desde que seja usada para o bem.

Seguindo suas respostas, antes não tinham muitas preocupações, pois, tinham uma vida um tanto pacata com outros comportamentos e vícios, atualmente a violência aumentou mediante a entrada de novos vícios como a droga. O adulto A relata que trabalhou desde cedo devido a sua necessidade econômica. Neste contexto, consideramos importante enfatizar que as crianças e jovens da contemporaneidade não estão aproveitando o seu tempo disponível, para se ocupar em algo produtivo, para estudar ou conviver no seio familiar, como antigamente seus pais tinham como prioridade.

Damos prosseguimento a nossa entrevista: **Descreva o cotidiano de seu filho (a) como é organizado desde que acorda.** Obtivemos a seguinte resposta:

Adulto A	Adulto B
Eles acordam, tomam banho para ir à escola, sempre sobre pressão, o mais velho é mais ativo o caçula tem que dá uma pressionada, porque se deixar, ele joga videogame, aí eles vão para escola.	Ela acorda escova o dente, toma café, assiste televisão, brinca, toma banho, almoça, e vai pra escola.

Fonte: pesquisadores

Analisamos que a rotina e as regras básicas sociais de saúde das crianças, dos Adultos A e B são quase as mesmas, só diferenciam na hora da brincadeira. As diferenças de classes são bastante visíveis, pois a criança do Adulto A ele tem mais liberdade “pra fazer o que quer” estando sempre exposto a algum tipo de coerção. Enquanto que a criança do Adulto B segue uma rotina mais organizada, mas dando a liberdade de viver a infância com brincadeira e atividades espontânea. Acreditamos que a rotina bem planejada é uma forma pelo qual a criança aprende a executar seus afazeres diários, na qual ela toma consciência sobre suas obrigações tornando-se futuramente adulto responsável e cuidadoso consigo mesmo.

Dando continuidade as nossas conversas, perguntamos: Qual a função da escola na formação de seu filho (a)?

Adulto A	Adulto B
A escola é muito importante na formação educacional, e o elo principal para a formação acadêmica deles.	É na escola que ele aprende, aprende a respeita os coleguinhas e os pais

Fonte: pesquisadores

Avaliamos que o Adulto A e B consideram a escola é importante na educação das crianças. Porque diante de uma sociedade consumista, competitiva, superficial e apressada onde estão sendo criando indivíduos com valores egocêntricos, que não conseguem obedecer às regras simples, que não respeitam limites, desvalorizando o trabalho pedagógico da escola. Os pais têm esperança que é através da educação escolar que seus filhos alcançarão os seus propósitos, pois a educação é fundamental para a humanização e socialização do homem diz Aranha (1989). Diante disso perguntamos: Qual a sua perspectiva de futuro para seu filho (a)? Por quê?

Adulto A	Adulto B
Espero que eles concluam o fundamental, o médio e consigam alcançar uma universidade.	Espero que ele seja alguém na vida, para que ele seja independente.

Fonte: pesquisadores

Observamos que as duas percepções são semelhantes. A preocupação com o futuro dos filhos é comum entre os adultos (estudos, carreira profissional e etc.), sendo assim, depositam toda essa expectativas em cima da escola. Fica clara na fala dos entrevistados a visão da criança como alguém que ainda *não é*, mas *virá a ser* “alguém na vida”. Numa perspectiva sempre futurística que esvazia o qui e o agora em prol de um amanhã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que esta pesquisa foi de grande relevância para a nossa formação como pedagogos, sendo que conhecer a criança e suas nuances é fundamental. Suas características nos fazem refletir sobre o fato de que nem todas as crianças têm infância, e que nem todas as infâncias são iguais. Cabe ressaltar que o meio social muito influência no desenvolvimento da criança sendo ela um componente essencial como disseminadora da cultura, por este motivo procuramos destacar a criança em seu meio, na relação com os pais (adultos), na escola, em suas brincadeiras.

Portanto, observa-se a importância dos adultos no cotidiano das crianças para participar da vida dos mesmos, fazer com que a criança perceba que ela é importante, tanto no contexto familiar quanto no contexto escolar.

E quão importante é viver o seu tempo de infância, brincar, socializar com outras crianças, ensinar e aprender através da brincadeira, respeitar e ser respeitado em sua cultura. Considerando também que não há uma única forma de viver infância, depende muito no qual ambiente a criança

esta inserida, ou seja, sua classe social. E depende muito dos pais darem tempo e espaço para que a criança viva seu tempo de infância.

Você precisa respondera que nas conclusões a seguinte pergunta: O que os adultos que convivem com crianças pensam sobre elas, sobre suas necessidade, sobre sua educação na sociedade contemporânea? Sem esta reposta o trabalho não pode ter um resultado!

REFERENCIAS

ARIÉS, Philippi. História Social da Criança e da Família. 2 ed. Rio de Janeiro: editora S.A, 1981.

ARANHA, M. L. DE Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisele Wajskop – 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010. (coleção questões de nossa época; vol. 20)

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8. Ed.- São Paulo: Cortez, 2006

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FERREIRA, A. B de Holanda. **Mini Aurélio Sec. XXI**: O mini dicionário de Língua Portuguesa. 4 ed. Revisada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KABAT-ZIM, Myla & KABAT-ZIM, Jon. **Nossos Filhos Nossos Mestres**: Descobrimo como o convívio com nossos filhos pode nos trazer alegrias diárias. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LOPES, Jader Moreira. **Geografia da infância** Universidade Federal Fluminense Brasil Tânia de Vasconcellos Universidade Federal Fluminense Brasil. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006.

OLIVEIRA, Zilma. **Educação Infantil**: Fundamentos e Métodos – São Paulo: Cortez, 2002- (coleção docência em formação)

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 19 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008 – (Educação e conhecimento)

SOUZA, de Gisele (org). **Educar na Infância**: Perspectivas Histórico-Social – São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMER, Sonia. LEITE, Maria Izabel Ferras (org). **Infancia e Produção cultural**. Campinas-SP: Papirus. 1998. (serie pratica pedagógica)